

## A importância da religião afro no processo de resistência da cultura ancestralizada no Brasil

Márcia Maria da Silva<sup>i</sup> 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

Dináh Cristina Pereira da S. Saldanha<sup>ii</sup> 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil

Emanoel Luís Roque Soares<sup>iii</sup> 

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Feira de Santana, BA, Brasil

1

### Resumo

O presente artigo discute a importância da religião afro para o povo africano como ponto de partida para manter viva sua história, sua cultura e sua ancestralidade. A religião mãe que projeta busca de entrelaces familiares há muito perdidos e separados diante da condição de povo escravizado, mantém sua relevância na construção do processo sócio, político e econômico em nosso país. Buscamos, então, um olhar sensível acerca da religião afro aqui em nosso país: como se concretizou desde seu início nos terreiros das casas grandes e floresceu aos longos anos da nossa história, enfatizando nossas comunidades tradicionais de terreiros e nossas lutas junto aos movimentos sociais. Trazemos para essas discussões Exu como grande potencializador dessas lutas desde a mãe África até nossos barracões atuais. Exu como o que abre os caminhos, o que vigia as porteiras e o primeiro que chega em nosso socorro.

**Palavras-chave:** Religião Afro. Cultura da ancestralidade. Comunidade tradicional de terreiro. Exu.

### The importance of Afro religion in the process of resistance of ancestral culture in Brazil

#### Abstract

This article discusses the importance of the Afro religion for the African people as a starting point to keep their history, culture and ancestry alive. The mother religion, which projects the search for long-lost and separated family ties in the face of the condition of enslaved people, maintains its relevance in the construction of the social, political and economic process in our country. We seek, therefore, a sensitive look at the Afro religion here in our country: how it materialized from its beginning in the terreiros of the big houses and flourished over the long years of our history, emphasizing our traditional communities of yards and our struggles with social movements. We bring Exu to these discussions as a great potentiator of these struggles from mother Africa to our current sheds. Exu as the one who opens the way, the one who watches over the gates and the first one who comes to our rescue.

**Keywords:** Afro Religion. Ancestry culture. Traditional community. Exu.

## 1 Introdução

2

Falar do povo africano, falar de sua cultura, é, acima de tudo, falar da resistência de um povo que mesmo chegando a esse país na condição de escravo, sobre castigos, maltrato e opressão, lutou para manter viva sua história, suas raízes, sua ancestralidade. O entendimento de ancestralidade que buscamos nesse trabalho enfatiza a importância da religião como forte determinante nesse caminho do resistir. Antes da migração forçada do negro para nosso país, os mesmos já cultuavam suas divindades, já contavam histórias e lendas que norteavam suas condutas e atitudes. Os povos africanos são povos de Arké; seus conhecimentos eram passados de geração em geração de forma oral, uma característica fundamental dessa cultura. De acordo com Machado:

Sabemos que oralidade é uma das características fundamentais da cultura africana, especialmente nas sociedades tradicionais, é um modo de ser, de estar no mundo. Podemos considerá-la, na atualidade, como um importante instrumento metodológico para reconstrução e continuidade da história local, da história africana em terras brasileiras. Ela é imprescindível para conservação de tradição, dos mitos, das lendas, das epistemologias dos seus diferentes povos e é por meio dela que a palavra faz-se elemento produtor da história, formador da comunidade, da pessoa e de tudo o que existe (MACHADO, 2019, p. 32).

O trajeto até a chegada do povo africano ao Brasil foi cruel e dolorida, pois tiveram seus laços familiares perdidos, numa terra desconhecida, com pessoas desconhecidas e escravizados. Então resistir era uma questão de vida ou morte. De acordo com Petit:

Para os negros vítimas do escravismo criminoso foi fundamental, diante do esfacelamento dos laços familiares e da desterritorialização forçosa, a recriação de uma linhagem para a transmissão e preservação de sua comunidade. Tal linhagem foi providenciada sobretudo pelo Terreiro de Candomblé, enquanto espaço ritualístico de recomposição e reelaboração dos elos fragmentados pela sociedade que destinava o negro. (PETIT, 2009, p. 3).

Observamos, assim, o quanto a religião foi importante no processo de reconstrução, de resistência, pois eram nos momentos dedicados ao culto, ao sagrado, que esse povo se reunia. A religião, nesse contexto, surge como ponto de partida, como mobilização nos terreiros da casa grande, para resistir, para reexistir, para construir laços, para manter vivo seu modo de vida. Então, cultuar seus orixás, suas divindades, diante de um país colonizado por europeus, e sobre o olhar atento e opressor da igreja, não seria fácil. No entanto, como cultuar suas divindades sem ser descobertos? Surge daí o que mais tarde deu origem ao termo ‘santo do pau oco’. Eram imagens de santos católicos ocas que eram utilizadas pelos africanos para resguardar o altar dos orixás e, assim, cultuar as divindades sem serem perseguidos pelos europeus. Dessa maneira quando se curvavam diante de uma imagem era a divindade que realmente estava a ser adorada e exaltada (PETIT, 2015).

Há também, como parte da resistência, as sincretizações dos orixás com os santos católicos, utilizadas até hoje, principalmente nos terreiros de Umbanda, por exemplos: Oxalá (Jesus Cristo), Xangô (São Jerônimo), Iemanjá (Nossa senhora dos Navegantes), Oxum (Santa Catarina), Iansã (Santa Bárbara), Oxóssi (São Sebastião), Obaluaê (São Lázaro), As crianças (Cosme e Damião), entre tantos outros.

## **2 Exu o senhor da comunicação e dos caminhos: Iaroiê Exu; Exu é Mojubá**

Portanto, a religião para o povo africano escravizado aqui no Brasil teve grande importância, pois foi pela religião nos terreiros da casa grande que primeiro se reconstrói laços de amizade e laços familiares há muito perdidos. É com a religiosidade ancestral que se inicia todo um processo de organização e de articulação com propósitos de liberdade.

No terreiro da casa grande, com o batuque dos tambores, o povo negro se encontrava, mesmo depois do longo dia de trabalho, para dançar, para cultuar suas divindades e para conversar. O terreiro propiciava a continuidade do culto as divindades. Divindades essas advindas da mãe África; os orixás, presentes em suas

vidas e responsáveis por ajuda-los em vários momentos de dificuldade: no trabalho, nas doenças, nos amores, nas perseguições.

4

Para falar, para se defender ou para pedir algo a essas divindades, o povo negro contava com Exu, o que guarda os caminhos, o que faz essa interlocução entre os mundos dos homens e dos orixás. Mas afinal quem é Exu? De acordo com o dicionário, Exu é o orixá do panteão nagô; ou cada um dos entes espirituais que fazem de criados dos orixás e de intermediários entre estes e os homens, denotados como de índole vaidosa e suscetível. Foi, porém, desde a África, assimilado pelos missionários cristãos como o diabo cristão. Exu, entretanto, faz as vezes de entidade protetora, ligada aos ritos de adivinhação nas religiões afro-brasileiras. De acordo com Soares:

O Senhor dos Caminhos, qualidade que divide com o irmão Ogum, está em todos os lugares, fala todas as línguas, é a própria comunicação e transita para além do bem e do mal, pois é a alegria de viver, o espelho do caráter humano e dos outros Orixás. É nele, Exu, que o bem e o mal coexistem harmonicamente, talvez, por isto estejam contidas no Guardiã das Portas todas as qualidades que superam as diferenças e proporcione a condição de elo comunicativo entre todos humanos e Orixás, vivos e mortos (SOARES, 2008, p. 44).

Além de exu fazer esse papel de fala, de ser essa ponte entre os orixás e o homem, tem papel importante quanto a vida e a morte, pois é encarregado também da contagem dos que morrem para que não coincida com os números de nascentes. Ainda Segundo Soares:

Outra característica importante de Exu é a polifonia, pois além de ser o responsável pela comunicação entre os Orixás, Exu é também o responsável pela comunicação entre Orixás e homens, não bastando estas duas importantes vozes é Exu Legbá, o responsável por contar quantas pessoas morrem com o objetivo de que esse número não ultrapasse, ou melhor, coincida com o número de nascimentos, ficando assim Exu como o responsável pelo equilíbrio entre o mundo dos eguns e dos vivos. Desta forma, cabe a Exu vários discursos, sem os quais os caminhos labirínticos responsáveis pela comunicação na religião dos Orixás estariam de portas fechados na prática e na teoria. É Exu o Orixá das portas e dos caminhos das múltiplas falas, é ele quem dá as senhas para que as portas cósmicas sejam abertas e que assim possa haver uma comunicação entre os mundos, entre a realidade e a magia (Soares, 2008, p. 57).

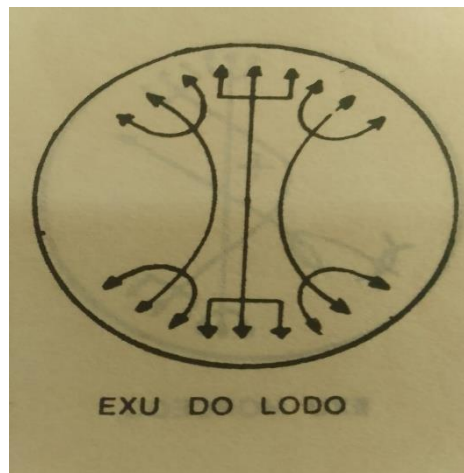
Há vários exus como por exemplo: Exu Trancarua, Exu Tiriri, Exu Veludo, Exu Marabô. Exu Caveira, Sete Dalira, Exu do Fogo, Exu do Vento, Exu Gira Mundo, Exu Capa Preta, Exu Sete Encruzilhadas, Exu Pimenta, Exu Brasa, Exu Marinheiro, Exu Gargalhada, Exu Gargarlhada etc.

Para entrar em sintonia, ou chamá-los, os fiéis entoam pontos, e para trabalhos particulares firmam velas e fazem os pontos riscados.

5

Ponto cantado de Exu do Lodo  
Na praia deserta eu vi Exu  
Então meu corpo tremeu todo (bis)  
Acendi minha vela e meu charuto  
Arriei minha marafo (aguardente, cachaça)  
Saravei (saudei) exu do Lodo (bis).

Figura 1: ponto riscado de exu do lodo



Buscando uma história sobre um exu, buscamos nosso Babalorixá José Alves. Ele nos contou uma história que ouviu de sua ancestral sobre o Exu do Lodo. (Já que foi o exu que elencamos para representar todos os exus). Segundo o Babalorixá José Alves:

Exu do Lodo foi em vida um grande médico, salvou muitas vidas, mas sua dedicação era exclusiva para a elite, pois, segundo seu entendimento, quanto mais

ricos ele atendesse, mas se destacava. Ele era ambicioso e, apesar de sua mãe sempre lhe chamar a razão, o mesmo não foi bom em vida. Com o falecimento de sua mãe as coisas só pioraram. Ele se tornara mais interesseiro do que antes. Então, ao falecer, desceu a mais profunda das regiões do Umbral (o que o cristão conhece como purgatório). Lá ele começou a pagar o que devia, foi resgatado por sua mãe e passou a cuidar de outros espíritos que desciam para esse lugar, resgatando outros espíritos perdidos.

6

Em religiões de matriz africana, como a Umbanda, que, vale salientar, é uma religião brasileira, exu ganha uma companheira, entidade que tem por nome Pombagira. De acordo com o dicionário: Pombagira é uma entidade espiritual da Umbanda e do Candomblé, considerada um exu feminino. É a mensageira entre o mundo dos orixás e a terra. Nas religiões de matriz africana, como é o caso da Umbanda e do Candomblé, a figura da Pombagira surgiu a partir do Bombogira, um exu masculino.

Mas a Umbanda entende a entidade Pombagira como espíritos que tiveram corpos carnis e que em vida foram pessoas que cometeram faltas, mas que hoje incorporam nos médios com a intenção de praticar o bem e assim evoluir espiritualmente. Para tanto, essas entidades ajudam os fiéis com questões espirituais, econômicas e afetivas.

Há várias pombagiras, entre elas: Pombagira cigana, Pombagira sete saias, Pombagira do cemitério, Pombagira da mata, Pombagira da praia, Maria Padila, Maria Mulambo, Maria Farrapo, Pombagira menina, Pombagira das almas, Pombagira rainha, Pombagira do cruzeiro (BENISE, 2021).

Assim como acontece com os exus, para chamar essa entidade também é necessário entrar em uma sintonia com ela. Entoa-se cânticos e faz-se pontos riscados (se necessário), tudo de acordo com a necessidade do fiel.

Ponto cantado de Pombagira  
Pombagira da Calunga,  
Não é mulher de ninguém (bis)  
Quando entra na demanda

Só sai por sete vinténs (bis)  
Dentro da calunga eu vi  
Uma linda mulher gargalhar (bis)  
Era Pombagira da Calunga  
Que começava a trabalhar (bis).

Figura 2: Ponto riscado de Pombagira da Calunga



Pombagira da Calunga é uma entidade muito poderosa e muito prestigiada por mulheres e homens que perderam seus amores. Esta Pombagira é procurada também para problemas de saúde e de abertura de caminhos e vícios.

Pombagira da Calunga foi uma moça que, durante o tempo que viveu no mundo terreno, passou por inúmeros sofrimentos na vida terrena, perdeu os pais muito cedo e foi criada na rua. Foi mulher da vida, viciada no álcool, praticou inúmeros abortos e morreu de suicídio. Quando esta entidade chegou no mundo espiritual ficou no limbo, onde sofreu ainda mais as dores de suas faltas aqui na terra. Através do Exu da Calunga que ela conheceu em um momento de desespero, tornou-se sua assistente direta e conheceu a Umbanda onde foi coroada como a Mulher do Calunga, hoje conhecida como Pombagira da Calunga, entidade de fé e conhecedora dos mistérios das sombras.

As pessoas, principalmente as mulheres, costumam ir nos terreiros procurar essas entidades para trabalhos de amor, também pela identificação e admiração

com as mesmas. Ao baixar no terreiro, essa entidade traz beleza, sensualidade, leveza, segurança e empoderamento, atraindo olhares.

Vale salientar que são vários os exus e que muitos são os seus trabalhos, pois muitos são os orixás que essas entidades acompanham, portanto trazemos nesse trabalho apenas um pequeno fragmento sobre eles, objetivando mostrar aos leitores a importância que essa entidade traz dentro do processo de resistência do povo africano e seu desenrolar nessa resistência nos terreiros atuais.

8

Também se faz necessário dizer que quando tratarmos dessa resistência estamos falando de uma realidade situada, ou seja da nossa vivência como comunidade tradicional de terreiro.

### **3 A resistência continua nas comunidades de terreiros com os movimentos sociais**

Umbandistas são pertencentes a comunidade tradicional de terreiros, bem como engajados na arte e em movimentos sociais; resistir é nossa arma contra os desmandos e preconceitos a que somos expostos. Fazemos parte do Centro Espírita de Umbanda Xangô Agodô, sob os cuidados do Babalorixá José Alves da Silva (de Xangô), filho da saudosa Mãe Zeca (de Obaluaê), que cultivava a Umbanda mista de Nagô desde cedo no convívio do culto ao sagrado.

Não poderia deixar de falar no encantamento que sempre nos circundou dentro da religiosidade; primeiro pela beleza dos cultos em nosso terreiro, as festas, as feitura de ori (cabeça), a festa para o erês (nossas crianças), sem falar da beleza das festas para os orixás lemanjá (com toque na praia), Xangô (com toque nas pedreiras), Oxum (nos rios) Oxóssi (nas matas) e assim por diante.

Porém, o culto ao sagrado é também ato de resistência, pois é nele que tocamos nossos tambores, entoamos os cânticos, trabalhamos com entidades, vestimos a cor branca e usamos nossas guias. Adentrar os espaços como escolas, universidades, locais de trabalho e mesmo um simples caminhar na rua acaba por ser um ato de resistência para todos nós de religiões de atriz africana.



Num país que se diz laico, em que a lei nos dá direito ao culto, conviver com o preconceito, requer de nós, povos de religião de matriz africana mobilização e organização para o enfrentamento. Sair da nossa zona de conforto, ocupar os espaços que nos fora negado, espaços de fala, implica em dizer que cada espaço ocupado, cada momento de visibilidade é importante e necessário a nossa luta. Para Machado:

9

É mais que ultrapassado o tempo de nos ouvirmos e assumirmos nossas lutas, saímos desse silenciamento e trazemos nossas contribuições e modos de resoluções dos nossos problemas, decisões essas que advém do nosso contexto, oriundos das nossas origens e de nossos modos de compreender e viver (Machado, 2008, p. 67).

Falar de resistência, falar em comunidades tradicionais e terreiros, é falar no movimento negro e movimento artístico. Todos empenhados na luta por melhorias das políticas públicas, pela desconstrução do preconceito étnico racial e religioso. Não é uma luta fácil, ninguém disse que seria; requer estudo, empenho, dedicação e, acima de tudo, amor.

Hoje, nós povos de axé, precisamos ser mais que só guardiões do sagrado. precisamos ser guerreiros. Os movimentos sociais estão aí para isso. Ele nasce da inconformidade, de não se deixar abater, da resistência, da luta pelo que se quer, de não aceitar qualquer coisa que vier. Ser guardiões de uma cultura requer, de cada um, certa carga de responsabilidade, porque quando você se propõe, ou é chamado a essa função, você está de certa maneira abdicando do 'eu', e passando a viver o 'nós'. É toda uma comunidade, a luta é por todos e para todos.

São muitas as demandas de uma comunidade tradicional de terreiro: educação para nossas crianças, saúde, segurança, lazer e, conseqüentemente, a busca por políticas públicas que nos contemple. Para tanto, a luta se faz necessária, desistir está fora de cogitação, não faz parte.

Somos povo de luta, de resistência, nossas armas são nossos Orixás, quem nos abre os caminhos, quem nos dá passagem é Exu (agô). Desde cedo, aprendemos a importância do exu no terreiro, do guardião da porteira, do mensageiro, desde os povos africanos.

Exu em nossa Umbanda cuida, Exu toma de conta, Exu baixa nos médios, bebe, fuma e dá seu recado, nos livrando dos inimigos, levando todos os males e nos proporcionando a vitória. É essa fé nesse guardião que mantém a comunidade unida e determinada. Daí a necessidade de desmistificar essa entidade, desassociando-a do diabo cristão.

#### 4 Considerações finais

10

Este trabalho proporcionou a discussão sobre a importância da religião para os povos africanos dentro do processo de resistência da escravidão que foram submetidos aqui em nosso país. Também trouxe à tona curiosidades como o santo do pau oco, e as saídas encontradas pelo povo africano para cultuar suas divindades sem serem descobertos ou impedidos de fazê-lo.

Também trouxe um breve olhar sobre a entidade Exu e sua participação nesse processo como o que vai a frente, o que prepara o caminho, o que trabalha e faz a ponte entre os orixás e o homem. Desmistificou-se a entidade, buscando afastá-la da errônea imagem do diabo do cristianismo.

Lançamos um ainda um olhar sobre as comunidades tradicionais de terreiros, suas lutas, bem como sua busca por melhoria através das políticas públicas. Vimos a importância do exu dentro dessas comunidades, sua representatividade e trabalhos. Observamos ainda que, dentro do culto ao sagrado, Exu é o que resguarda o terreiro e seus filhos.

Podemos dizer que Exu esteve e está presente, para guardar, para cuidar, para curar. Ele é a força, é a fala, é a comunicação. Tudo que se pensa em fazer num terreiro pede-se agô a essas entidades; ele é que vem primeiro em nosso socorro.

Por fim, apresentamos a entidade Pombagira, esclarecendo seu surgimento, sua função e usos no processo de resistência, principalmente das mulheres. Pombagira como companheira de Exu que, ao contrário do patriarcado machista, onde as mulheres são apenas corpos feitos para tarefas domésticas, submissão e subserviência ao masculino, é a verdadeira inversão exuriana, tornando-se no

feminino que tem poder, faz o que quer e mesmo assim ainda é desejada, tendo muito poder e chegando até serem temidas pelos homens.

## Referências

BENISE, José. **Orun-Àiyé: o encontro de dois mundos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

11 MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades**. Fortaleza, Ed. Imprece, 2019.

PEREIRA, Márcia Moreira. **Africanidade e letramento literário: a lei 10639/03 e a questão étnico-racial na escola**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PETIT, Sandra Haydée; CRUZ, Norval Batista. **Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação**. Caxambu: ANPEd, 2009.

PETIT, Sandra Haydée; **Pretagonia: Pertencimento, corpo- Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professores e Professoras. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei 10639/03**. Fortaleza/CE, UFC, 2015.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação: Imagens, discursos e narrativas**. Fortaleza, UFRB, 2008.

---

<sup>i</sup> **Márcia Maria da Silva**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5897-0729>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Graduada em Pedagogia pela UERN, especialização em Arte Educação, com ênfase em Teatro, pela FVJ. Pós-graduanda em Antropologia pela FAVENI. Umbandista (Comunidade Tradicional de Terreiros). Fundadora e atriz da Cia Muzenza de Teatro.

Contribuição de autoria: Pesquisa de dados, revisão e escrita.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3363572781016992>

E-mail: [marciamsilva@hotmail.com](mailto:marciamsilva@hotmail.com)

<sup>ii</sup> **Dináh Cristina Pereira da S. Saldanha**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0812-706x>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Graduada em Pedagogia pela UERN. Graduada em artes pela FAVENI. Pesquisa religiosidade e culturas na educação infantil.

Contribuição de autoria: Escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0654153638169191>

E-mail: [dinahchristina@gmail.com](mailto:dinahchristina@gmail.com)

<sup>iii</sup> **Emanuel Luís Roque Soares**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3411-1377>

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Professor Associado IV, da UFRB/CFP, professor permanente do mestrado profissional em História da África UFRB/CAHL, professor permanente do mestrado profissional em Filosofia/UFRB/CFP, doutorado UFC/FACED/2008.

Contribuição de autoria: Escrita e revisão.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3011122221613108>

E-mail: [emares@ufrb.edu.br](mailto:emares@ufrb.edu.br)

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

12

**Como citar este artigo (ABNT):**

SILVA, Márcia Maria da; SALDANHA, Dináh Cristina Pereira da S.; SOARES, Emanuel Luís Roque. A importância da religião afro no processo de resistência da cultura ancestralizada no Brasil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.